

Um recorte do léxico toponímico indígena municipal alagoano: motivações toponímicas

p. 39 - 51

Pedro Antonio Gomes Melo¹

Resumo

Este estudo objetivou verificar quais seriam os fatores de natureza motivacional mais recorrentes no ato de nomear municípios alagoanos por meio de nomes de origem indígenas de étimo tupi. A análise dos topônimos evidenciou que a maior fonte de motivação toponímica é de natureza física, dentro deste grupo a vegetação do espaço (representada no léxico pelos fitotopônimos) e a hidrografia (representada no léxico pelos hidrotopônimos) da região a ser nomeada se apresentaram mais fecundas que outras características do ambiente natural na constituição do acervo lexical toponímico municipal alagoano.

Palavras-chave: Linguística; Toponímia Indígena; Léxico; Língua Portuguesa.

Abstract

This study aimed to verify what would be the nature of motivational factors more common in the act of naming municipalities Alagoas by names of origin of indigenous Tupi etymology. The analysis showed that the toponyms greatest source of motivation toponymic is physical in nature, within this group the vegetation space (represented in the lexicon by fitotopônimos) and hydrography (represented in the lexicon by hidrotopônimos) of the region to be nominated if they were more fecund other features of the natural environment in the formation of the collection lexical toponímico municipal Alagoas.

Keywords: Linguistic; Indigenous Toponymy; Lexicon; Portuguese.

Introdução

Alagoas apresenta características físicas e antropoculturais bastante particulares, constitutivas das mesorregiões e das microrregiões do estado, tanto no que diz respeito aos aspectos de ordem natural quanto aos de ordem sócio-histórico-cultural. Logo, oferece um léxico toponímico muito singular com influências de diversos estratos linguísticos, questões ideológicas presentes nos axiotopônimos, religiosas nos hagiopônimos, estruturas morfológicas variadas

na composição dos sintagmas toponímicos, em particular, naqueles de origem tupi, motivações toponímicas diversas para a escolha de locativos de natureza física como: área de litoral, zona da mata, agreste e sertão, hidrografia, fauna e flora extensa, caatinga e mata atlântica, constituindo-se desta forma num campo fértil à pesquisa onomástica, sobretudo questões ligadas à Toponímia.

Daí, frente às várias possibilidades de investigação dos topônimos, optamos neste trabalho apresentar um recorte descritivo do léxico toponímico municipal alagoano a partir de

1. Professor assistente do departamento de Letras da UNEAL, campus III. Especialista em língua portuguesa e mestre em Letras pela UFAL. E-mail: petrus2007@ibest.com.br

uma investigação dos nomes de origem indígenas de étimo tupi que designam os municípios do Estado de Alagoas na busca de respondermos qual o fator influenciador mais recorrente na motivação toponímica para escolhas destes locativos, observando questões de natureza física e histórico-culturais ligadas ao ato denominativo toponomástico.

A Toponímia - do ponto de vista linguístico-pode ser compreendida como um recorte do léxico de uma língua - é um ramo da Onomástica (do grego antigo ὀνομαστική, ato de nomear, dar nome) que possui como eixo central de seus estudos o signo toponímico, Para Rostaing (1961, p.7) sua finalidade consiste em “investigar a significação e a origem dos nomes de lugares e também de estudar suas transformações”. E ainda, “conjugada com a história, indica ou precisa os movimentos antigos dos povos, as migrações, as áreas de colonização, as regiões onde tal ou tal grupo linguístico deixou seus traços” (DAUZAT, 1926, p.7). Sob essa perspectiva, neste trabalho de cunho línguo-cultural, pretendemos evidenciar a maneira pela qual o mundo exterior se reflete na língua, sobretudo em nível lexical.

O topônimo é o signo linguístico na função designativa de um espaço geográfico e/ou humano. Nessa função, segundo Dick (1980, p. 290), ele representa “uma projeção aproximativa do real, tornando clara a natureza semântica de seu significado” e evidencia a realidade do ambiente físico e antropológico de uma dada região na medida em que revela características de vegetação, hidrografia, fauna, condições de solo e relevo, como também crenças, ideologias, fatos políticos, culturais e históricos.

Para Melo (2012, p. 54), os signos toponímicos “adquirem valores que transcendem o próprio ato de nomear. Uma vez que o léxico presente na língua de um dado grupo reflete o seu modo de ver a realidade e a forma como seus

membros organizam o mundo que os rodeia.” Eles mantêm marcas que permanecem firmadas mesmo quando a motivação toponímica, ocorrida no ato denominativo, já não mais existe. Percebe-se, pois, o valor patrimonial do topônimo.

Os atuais estudos onomásticos no Brasil vêm justamente resgatando a história social contida nos nomes de uma determinada região, partindo da etimologia para reconstruir os significados e, posteriormente, traçar um panorama motivacional da região em questão, como um resgate ideológico do denominador e preservação do fundo de memória (CARVALHINHOS, 2002/2003, p. 172).

Por conseguinte, o léxico toponímico é compreendido, então, como um indicador línguo-cultural, uma vez que o modo como a língua retrata a visão de mundo de um povo evidencia a inter-relação que se estabelece entre língua, meio ambiente e cultura. É importante destacarmos que ao pensar sobre o processo denominativo, é preciso compreender que esse ato se constitui nessa relação: léxico, habitat e sociedade, por conseguinte, pensar sobre o ato de designar lugares requer, considerarmos que esse processo linguístico se constitui nessa mesma relação.

O nome em função onomástica “é o meio que o homem emprega para humanizar a paisagem como parte de sua relação com seu ambiente geográfico” (SOLIS FONSECA, 1997, p. 22).

Por fim, ressaltamos que o princípio norteador desta pesquisa sobre os topônimos municipais alagoanos de étimo tupi deu-se, em primeiro lugar, pelo interesse de investigarmos – sob a ótica semântico-taxonomico - como o usuário da língua, fixado num dado espaço, tendo a seu vigor várias possibilidades designativas, nomeou por meio de nomes indígenas os municípios alagoanos e; em segundo lugar, pelos resultados que este estudo poderá fornecer como registro científico da toponímia indígena do Estado de Alagoas tão carente de trabalho nessa área e, conseqüentemente, contribuir para um

melhor conhecimento da Língua Portuguesa.

A pesquisa toponímica: aspectos históricos e teórico-metodológicos

A Toponímia, com status de disciplina autônoma, nasceu oficialmente no século XIX, com Auguste Longnon, por volta de 1878, no ambiente positivista da recuperação das línguas indo-europeias. Nesse primeiro momento, prevalecia uma estreita visão etimológica, com a realização do estudo de nomes antigos do território francês, a fim de se levantar a história das transformações dos nomes de lugares; a sua evolução fonética; as alterações de diversas ordens; o seu desaparecimento; a sua relação com as migrações, a colonização, os estabelecimentos humanos e o aproveitamento do solo; os nomes inspirados por crenças mitológicas visando algumas vezes assegurar a proteção dos santos ou de Deus (DICK, 1990 apud MEADA, 2006, p. 34).

Todavia, mesmo antes do século XIX, já existiam estudos que sinalizavam para tentativas de sistematização, ainda que padecendo de um direcionamento mais sólido. Podemos citar a proposta de uma proto-taxonomia apresentada pelo Pe. Martín Sarmiento, em 1785, cujos estudos referentes à toponímia galega já apontavam a necessidade de se estudar os nomes de lugares não apenas por sua filiação linguística, etimologia ou datação, mas por sua própria substância semântica.

No Brasil, a partir do trabalho de Drumond, filiado às ideias de vertente europeia, a Toponímia integrou-se aos estudos linguísticos da Universidade de São Paulo (USP), privilegiando, inicialmente, os nomes de origem indígena através das pesquisas sobre o Tupi e a Toponímia Brasileira. E ainda seguindo essa mesma perspectiva, podemos destacar o trabalho de Teodoro Sampaio – O Tupi na Geografia Nacional e a obra de Armando Levy Cardoso – Contribuição do Bororo à Toponímia Brasília.

A toponímia indígena brasileira provém de diversos troncos linguísticos, muito embora a grande maioria dos nomes de lugar seja de

origem tupi, por ter sido esta a língua mais falada na costa do Brasil, uma vez que sua derivação natural, uma das quatro línguas gerais brasileiras, era falada tanto por índios quanto por brancos e mamelucos, pois durante praticamente um século desempenhou o papel de língua de comunicação. Segundo Navarro (1999, p. xi), a língua indígena Tupi foi “depois do português, a língua que mais produziu nomes geográficos em nosso território”.

Sobre a presença de topônimos de origem tupi em vários pontos do país, Dick (1992, p. 22) aponta dois aspectos a serem considerados: “a ação religiosa dos jesuítas e à participação das antigas bandeiras que acabaram por difundir a língua dita então geral”. E ainda, “em toda área de domínio Tupi encontra-se, ainda hoje, marcas indelévels de sua língua, denominando cidades, vilarejos, rios, montanhas, a vasta fauna e a fantástica flora da América do Sul”. (GONÇALVES, 2009, p. 39)

Merece destaque, nas atuais pesquisas toponímicas no Brasil, os trabalhos de Dick. A referida autora, seguindo as orientações de Drumond e a teoria de Dauzat a partir de uma visão física e antropocultural da realidade toponímica brasileira desenvolveu por meio de seus Princípios Teóricos e Modelos Taxeonomícos – um Modelo Taxeonomíco de Classificação Toponímica (MTCT) - aplicados aos nomes de lugares.

Para Drumond apud Dick (1990), “nenhum outro estudo de Toponímia do Brasil reveste-se de tantas qualidades como os seus ‘Princípios Teóricos e Modelos Taxeonomícos’, seja do ponto de vista estrutural como científico”.

A Toponímia se caracteriza como uma área interdisciplinar, o acervo lexical toponímico de um determinado grupo humano consiste num imenso complexo línguo-cultural, em que dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente. Portanto, não devemos atribuir o entendimento à Toponímia como um mero diletantismo, sem vinculação com

outras ciências do conhecimento humano que, segundo Dick (1992, p.II), “é delas que se recebe ao mesmo tempo que lhes fornece subsídios preciosos para suas configurações teóricas”.

Basicamente, na atualidade, há duas tendências nas pesquisas toponímicas no mundo. A saber: a primeira de caráter pragmático, manifestada principalmente nos países de língua francesa, nos quais se enfatiza a uniformização, normatização e controle da nomenclatura geográfica. E a segunda de caráter acadêmico, que compreende a toponímia não em sua função pragmática, mas como um instrumento importante na análise linguística. Este trabalho se situa na segunda tendência.

Modelo Taxionômico de Classificação Toponímica (MTCT) de Dick (1990)

De acordo com Melo (2011, p. 278):

Necessitamos de uma terminologia específica, ao estudarmos uma língua, caso contrário, corremos o risco de utilizarmos vocábulos genéricos que favoreçam a inadequação conceitual, conseqüentemente, a não-compreensão do que se quer efetivamente descrever, estudar ou analisar.

Na pesquisa toponímica, essa necessidade se torna ainda mais evidente, uma vez que trataremos de uma nomenclatura de um dado espaço geográfico e, ainda, em virtude dos topônimos funcionarem como termos do léxico toponímico e não como palavras de uso geral.

Para atendermos às determinações exigidas ao aprofundamento teórico sobre o objeto aqui estudado, seguiremos o modelo teórico apresentado por Dick (1990) para investigarmos a natureza motivacional dos topônimos de étimo tupi registrados no léxico municipal alagoano, por entendermos que se trata de uma concepção norteadora de análise e classificação toponímica que mais se adapta à nossa realidade.

Esse modelo teórico engloba 27 (vinte e sete) taxes, distribuídas em 02 (dois) grupos, conforme a natureza motivacional (semântica): 11 (onze) taxes relacionadas ao ambiente físico, Taxeonomias de Natureza Física; e 16 (dezesseis), relacionadas ao homem e sua relação com a sociedade e a cultura, Taxeonomias de Natureza Antropocultural.

O termo *taxe* corresponde à identificação e classificação genérica dos fatos cósmicos sem duas ordens de consequência: a física e a antropocultural, de forma a permitir a aferição objetiva de causas motivadoras dos locativos.

As causas motivacionais de natureza física estão agrupadas nas taxes relacionadas ao ambiente físico. A saber: a) *Astrotopônimos*: topônimos relativos aos corpos celestes em geral; b) *Cardinotopônimos*: topônimos relativos às posições geográficas em geral; c) *Cromotopônimos*: topônimos relativos à escala cromática; d) *Dimensiotopônimos*: topônimos relativos às dimensões dos acidentes geográficos; e) *Fitotopônimos*: topônimos relativos aos vegetais; f) *Geomorfotopônimos*: topônimos relativos às formas topográficas (formas de relevo terrestre); g) *Hidrotopônimos*: topônimos relativos a acidentes hidrográficos em geral; h) *Litotopônimos*: topônimos relativos aos minerais ao à constituição do solo; i) *Meteorotopônimos*: topônimos relativos a fenômenos atmosféricos; j) *Morfotopônimos*: topônimos relativos às formas geométricas e l) *Zootopônimo*: topônimos referentes aos animais.

As causas motivacionais de natureza antropocultural estão agrupadas nas taxes relacionadas ao homem e sua relação com a sociedade e a cultura. A saber: a) *Animotopônimos* (ou *Nootopônimos*): topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual; b) *Antropotopônimos*: topônimos relativos aos nomes próprios individuais; c) *Axiotopônimos*:

topônimos relativos aos títulos e dignidades que acompanham nomes próprios individuais; d) Corotopônimos: topônimos relativos a nomes de cidades, países, Estados, regiões e continentes; e) Cronotopônimos: topônimos relativos aos indicadores cronológicos representados pelos adjetivos novo(a), velho(a); f) Ecotopônimos: topônimos relativos às habitações em geral; g) Ergotopônimos: topônimos relativos aos elementos da cultura material; h) Etnotopônimos: topônimos relativos aos elementos étnicos isolados ou não (povos, tribos, castas); i) Dirrematopônimos: topônimos constituídos de frases ou enunciados linguísticos; j) Hierotopônimos: topônimos relativos a nomes sagrados de crenças diversas, a efemérides religiosas, às associações religiosas e aos locais de culto. Esta categoria subdivide-se em: i. Hagiotopônimos: nomes de santos ou santas do hagiológico católico romano, ii. Mitotopônimos: entidades mitológicas; l) Historiotopônimos: topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico, aos seus membros e às datas comemorativas; Hodotopônimos: topônimos relativos às vias de comunicação urbana ou rural; n) Numerotopônimos: topônimos relativos aos adjetivos numerais; o) Poliotopônimos: topônimos relativos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial; p) Sociotopônimos: topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro da comunidade, aglomerados humanos e q) Somatopônimos: topônimos relativos metaforicamente às partes do corpo humano ou animal.

Com base em tais pressupostos, realizaremos as análises dos topônimos de origem tupi nos quais se estabelecem uma conexão entre o município alagoano e o nome atribuído a ele, em que as partes formam um todo representativo. Buscando relacioná-los aos atos onomásticos, especialmente aqueles ligados à toponímia indígena municipal alagoana.

Análise e resultados

Doravante, serão apresentadas as análises dos topônimos aqui estudados. O corpus lexical foi constituído por 23 (vinte e três) topônimos municipais alagoanos de origem indígenas levantados a partir de consulta bibliográfica junto ao Banco de dados do IBGE na internet, como também, pesquisa documental realizada em documentos oficiais do governo brasileiro, no âmbito local e nacional, livros e revistas que tratavam sobre os municípios do Estado de Alagoas.

Utilizamos o *Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi*: significado dos nomes geográficos de origem tupi de Luiz Caldas Tibiriçá (1985) para identificarmos o étimo de origem tupi dos nomes aqui analisados.

Os topônimos serão apresentados em fichas lexicográfico-toponímicas. Essas se revelam necessárias para a interpretação destes nomes, em virtude de conter vários campos conceituais que forneceram informações relevantes sobre cada um dos locativos que constituíram o *corpus* desta pesquisa..

Os Fitotopônimos de origem indígena de étimo tupi no léxico municipal alagoano

A vegetação, assim como outras características naturais, varia de acordo com a região do estado. Por exemplo, na Zona da Mata, é possível encontrarmos, ainda, mata Atlântica e mangues litorâneos. Já no Agreste e no Sertão alagoano, a cobertura vegetal predominante é a caatinga.

Nessa relação simbólica entre língua/ambiente, detectamos no léxico municipal alagoano 7 fitotopônimos de origem indígena de étimo tupi relativos à flora da região na qual o município está localizado, estabelecendo assim

uma relação biônica entre o meio e o topônimo que identifica o acidente humano em tela.

A saber: (1) Arapiraca, (2) Craíbas, (3) Jaramataia, (4) Murici, (5) Pariconha, (6) Pindoba, (7) Taquarana.

01 ARAPIRACA

Localização: Mesorregião do agreste alagoano; Microrregião de Arapiraca.

Topônimo: Arapiraca

Taxionomia: Fitotopônimo

Etimologia: O termo é de origem tupi: ara quer dizer periquito ou arara; pira pode ser traduzido como pousa; e aca significa ramo de árvore. Trata-se de uma espécie de angico branco, da família das mimosáceas (leguminosas), muito comum no agreste e no sertão, e que o povo, à sua maneira denomina de Arapiraca.

02 CRAÍBAS

Localização: Mesorregião do agreste alagoano; Microrregião de Arapiraca

Topônimo: Craíbas

Taxionomia: Fitotopônimo

Etimologia: O termo é de origem tupi: Carahyba designa uma árvore do ramo das bignoniáceas, muito comum na região do agreste, onde está localizado o município de mesmo nome.

03 JARAMATAIA

Localização: Mesorregião do Sertão Alagoano; Microrregião de Batalha

Topônimo: Jaramataia

Taxionomia: Fitotopônimo

Etimologia: de origem indígena do tupi: jaramataia nome que designa uma planta leguminosa muito frequente na localidade.

04 MURICI

Localização: Mesorregião do Leste Alagoano; Microrregião de Mata Alagoana

Topônimo: Murici

Taxionomia: Fitotopônimo

Etimologia: O termo é de origem tupi: muricy designa uma árvore do ramo das bignoniáceas, muito comum na região. Segundo Tibiraçá (1985) de moressi árvore da família das malpigiáceas.

05 PARICONHA ²

Localização: Mesorregião do Sertão Alagoano; Microrregião Serrana do Sertão Alagoano

Topônimo: Pariconha

Taxionomia: Fitotopônimo

Etimologia: Palavra de origem indígena que significa duas conchas, como eram chamadas as polpas desses frutos.

06 PINDOBA

Localização: Mesorregião do Leste Alagoano; Microrregião de Serra dos Quilombos

Topônimo: Pindoba

Taxionomia: Fitotopônimo

Etimologia: O termo é de origem tupi: pindoba designa uma folha da palmeira com a qual os índios faziam figas e anzóis. É também chamado assim o coco da palmeira pindá, que antigamente era encontrado com fartura em seu território.

07 TAQUARANA

Localização: Mesorregião do Agreste Alagoano; Microrregião de Arapiraca

Topônimo: Taquarana

Taxionomia: Fitotopônimo

Etimologia: termo de origem tupi: ta'kwara designa uma planta chamada pelos índios de cana brava, oca por dentro. Trata-se de um bambu da família das gramíneas. Segundo Tibiriçá (1985) de tacuá-rana planta que se parece com a taquara, falsa taquara (bambu).

Nesses casos de fitonímica, percebemos que o denominador resgata aspectos da flora da região na qual o topônimo está inserido, fazendo referência à árvores e leguminosas da localidade, confirmando a importância da vegetação na vida do homem, materializada na relação simbólica existente entre léxico e meio ambiente. E ainda, é importante considerarmos o relevante papel da vegetação como fonte motivadora decorre da abundância da flora pela existência de plantas ou vegetais no ambiente em que se encontra seu objeto de denominação..

² Tibiriçá não registra esse topônimo em seu dicionário (1985) de topônimos de origem indígena.

Os hidrotopônimos de origem indígena de étimo tupi no léxico municipal alagoano

A rede hidrográfica de Alagoas é constituída por rios que correm diretamente para o oceano Atlântico (como, por exemplo, o Camaragibe, o Mundaú, o Paraíba e o Coruripe) e por rios que deságuam no São Francisco (como o Marituba, o Traipu, o Ipanema, o Capiá e o Moxotó).

Dick (1990, p. 196), explica-nos que “o aparecimento de topônimos, nos diferentes ambientes, revestindo uma natureza hidronímica propriamente dita, vincula-se à importância dos cursos d’água para as condições humanas de vida”.

Nesta categoria toponomástica, foram registrados no léxico municipal alagoano 7 hidrotopônimos de origem indígena tupi relativos a acidentes hidrográficos em geral.

A saber: (8) Cururipe, (9) Igaçi, (10) Jacuípe, (11) Jequiá da Praia, (12) Maragogi, (13) Paripueira e (14) Traipu.

08 CURURIPE

Localização: Mesorregião do Leste Alagoano; Microrregião de São Miguel do Campos

Topônimo: Coruripe

Taxionomia: Hidrotopônimo

Etimologia: termo de origem tupi: Cururu-gy significa rio dos sapos, segundo frei Vicente Salvados, cronista colonial. Já conforme o professor Silveira Bueno, autor do vocabulário tupi-guarani-português, quer dizer Cu-ru-ry-pe, rio dos seixos.

09 IGAÇI

Localização: Mesorregião do Agreste Alagoano; Microrregião de Palmeira dos Índios

Topônimo: Igaçi

Taxionomia: Hidrotopônimo

Etimologia: De origem indígena tupi y-assy significa rio pestilento, rio doente.

10 JACUÍPE

Localização: Mesorregião do Leste Alagoano; Microrregião de Mata Alagoana

Topônimo: Jacuípe

Taxionomia: Hidrotopônimo

Etimologia: termo Jacuípe de origem tupi: jacu-y-pe: jacu: designa uma espécie de ave galiforme; y: rio; e pe: daí significa no rio dos jacus.

11 JEQUIÁ DA PRAIA

Localização: Mesorregião do Leste Alagoano; Microrregião de São Miguel do Campos

Topônimo: Jequiá da Praia

Taxionomia: Hidrotopônimo

Etimologia: palavra de formação híbrida, constituída por base indígena + latina: o termo Jequiá é de origem tupi, na língua indígena: jy-q-ya significa cesto grande de peixe. Segundo Tibiriçá (1985) de jekeá covó, armadilha para apanhar peixe, também pode derivar de jukiá, espécie de peixe sem escama. Já o termo praya provem do latim tardio, significa orla da terra, ordinariamente coberta de areia, confinando com o mar.

12 MARAGOGI

Localização: Mesorregião do Leste Alagoano; Microrregião do Litoral Norte Alagoano

Topônimo: Marogogi

Taxionomia: Hidrotopônimo

Etimologia: termo de origem indígena, é uma corruptela da palavra ma-ra-ú-hy significa rio das maraúbas ou rio dos maracujás.

13 PARIPUEIRA

Localização: Mesorregião do Leste Alagoano; Microrregião de Maceió

Topônimo: Paripueira

Taxionomia: Hidrotopônimo

Etimologia: De origem indígena tupi pari-puera significa praia das águas mansas. Segundo Tibiriçá (1985) antigo pescueiro, antiga barragem.

14 TRAIPU

Localização: Mesorregião do Agreste Alagoano; Microrregião de Traipu

Topônimo: Traipu

Taxionomia: Hidrotopônimo

Etimologia: Palavra de origem tupi. É uma corruptela de ytira ypu, que quer dizer fonte de morro ou olho d’água do monte. Segundo Tibiriçá (1985) de tarai-ypu fonte da traíra.

Nesses casos de hidronímica, o denominador resgata aspectos naturais da região ligados à ideia

de água como: praia, fontes, olho d'águas e rios da localidade na qual o topônimo está inserido, evidenciando a realidade do ambiente natural materializada na língua por meio da relação simbólica existente entre léxico e ambiente.

A grande produtividade dessa categoria de topônimo pode estar ligada à importância dos cursos d'água no espaço geográfico humano pelo fato de servirem não só como fonte de alimentação, mais também viabilizado o povoamento e o desenvolvimento econômico da região.

Os Zootopônimos de origem indígena de étimo tupi no léxico municipal alagoano

A fauna alagoana é, grosso modo, constituída por animais silvestres comuns às mesorregiões e microrregiões do estado. No acervo lexical toponímico estudado, registramos 4 zootopônimos de origem indígena de étimo tupi. Estes topônimos fazem referência a animais como: répteis, peixes e aves.

A saber: (15) Jacaré dos Homens, (16) jundiá, (17) piranhas e (18) Satuba..

15 JACARÉ DOS HOMENS

Localização: Mesorregião do Sertão Alagoano; Microrregião de Batalha

Topônimo: Jacaré dos Homens

Taxionomia: zootopônimo

Etimologia: palavra de formação híbrida, constituída por base indígena + latina: o termo iaka're de origem tupi significa vários répteis da família dos crocodilídeos + o termo de origem latina homo, -inis ser humano'

16 JUNDIÁ

Localização: Mesorregião do Leste Alagoano; Microrregião de mata alagoana

Topônimo: Jundiá

Taxionomia: Zootopônimo

Etimologia: termo de origem tupi: Yundi-á ou Nhandiá, denominação genérica dada pelos índios ao bagre. Esse peixe era encontrado em abundância no Rio Manguaba, que percorre o território deste município da zona norte de Alagoas.

17 PIRANHAS

Localização: Mesorregião do sertão alagoano; Microrregião da alagoana do sertão do São Francisco

Topônimo: Piranhas

Taxionomia: Zootopônimo

Etimologia: termo de origem tupi, no entanto, há duas explicações etimológicas: junção dos termos tupis pirá 'peixe' e anha 'dente', significando peixe com dente (<http://www.fflch.usp.br/dlcvtupi/vocabulario.htm>) e junção dos termos tupis pira 'pele' e raim 'o que corta', significando corta a pele (FERREIRA, 1983)

18 SATUBA

Localização: Mesorregião do Leste Alagoano; Microrregião de Maceió

Topônimo: Satuba

Taxionomia: Zootopônimo

Etimologia: O termo corresponde à corruptela de saúva, ou saúba, palavra de origem tupi isa'uua, designação comum às formigas do gênero Atta. Segundo Tibiriçá (1985) de yssá-tyba abundância de içás.

Nesses casos de zoonímica, percebemos, mais uma vez, que o denominador resgata os aspectos da natureza da região da qual será denominada, há uma tendência motivadora do homem em atribuir aos acidentes humanos e/ou geográficos nomes relativos a espécies da fauna materializada na relação simbólica existente entre léxico e ambiente.

No âmbito da toponímia brasileira, Ivan Lind (1963, apud Dick, 1990, p. 255) registra em seu estudo De Portugal ao Brasil. Um pequeno estudo da toponímia brasileira que os nomes de animais não deixaram grandes marcas na nomenclatura geográfica. Todavia, salienta que a presença de nomes indígenas de animais para a nomeação de lugares, mesmo não sendo a principal fonte motivadora, configura-se como uma indiscutível realidade brasileira.

Os Ergotopônimos, Litotopônimos e Geomorfotopônimos de origem indígena de étimo tupi no léxico municipal alagoano

Com menos produtividade na constituição do acervo lexical toponímico municipal alagoano de origem indígena, registramos:

a) 1 (um) Ergotopônimo de étimo tupi relativo à elementos da cultura material de Alagoas.

19 JAPARATINGA

Localização: Mesorregião do Leste Alagoano; Microrregião do Litoral Norte Alagoano
Topônimo: Japaratinga
Taxionomia: Ergotopônimo
Etimologia: termo é de origem indígena: yapara + tiba significa em tupi Sítio dos Arcos, ou seja, o lugar onde a tribo fazia arcos e flechas com a madeira das suas matas. Segundo Tibiriçá (1985), de já-pará-tinga mar que costuma estar esbranquiçado, cheio de espuma.

b) 2 (dois) Litotopônimos relativos aos minerais ao à constituição do solo alagoano.

20 INHAPI

Localização: Mesorregião do Sertão Alagoano; Microrregião Serrana do Sertão Alagoano
Topônimo: Inhapi
Taxionomia: Litotopônimo
Etimologia: vocábulo de origem indígena: inha= pedra + pi= água, significa água na pedra.

21 MACEIÓ

Localização: Mesorregião do Leste Alagoano; Microrregião de Maceió
Topônimo: Maceió
Taxionomia: Litotopônimo
Etimologia: De origem indígena tupi Maçayó ou Maçaió-k que significa 'o que tapa o alagadiço'. Segundo Tibiriçá (1985), de masseió nome que os tupis davam às lagoas formadas pelas águas pluviais (provável termo tupinambá)

c) 2 (dois) Geomorfotopônimos relativos às formas topográficas, isto é, formas de relevo terrestre alagoano

22 IBATEGUARA

Localização: Mesorregião do Agreste Alagoano; Microrregião Serrana dos Quilobos
Topônimo: Ibatiguara
Taxionomia: Geomorfotopônimo
Etimologia: de origem indígena do tupi yby-itytra significa 'lugar alto'. Segundo Tibiriçá (1985), de ybaté-guara morador do altiplano.

23 PIAÇABUÇU

Localização: Mesorregião do Leste Alagoano; Microrregião de Penedo
Topônimo: Piaçabuçu
Taxionomia: geomorfotopônimo
Etimologia: termo de origem indígena. Trata-se de uma corruptela de pe-haçab-uçu, que significa, segundo os especialistas da língua tupi-guarani, 'passagem geral do caminho'. Segundo Tibiriçá (1985), de pyassab-ussu, cerca grande; ou peassab-ussu desembocadouro grande.

Nesses casos de menos produtividade lexical, destacamos que além de o denominador resgatar os aspectos da natureza física como a constituição do solo e as formas de relevo por meio dos litotopônimos e geotopônimos, também registramos 1 (um) topônimo relativo aos elementos da cultura material de natureza antropocultural, associando o homem e sua relação com a sociedade e a cultura. Para Dick (1990, p. 45) “não é de se estranhar, portanto, a existência de uma relação analógica entre o topônimo e algum fato do cotidiano indígena”.

Análise quantitativa dos topônimos de origem indígena de étimo tupi no léxico municipal alagoano

A partir da tabela 1, destacamos que foram registrados 6 categorias de locativos no léxico municipal toponímico alagoano de origem indígena de étimo Tupi, enquadrados nas taxes: Fitotopônimo, Hidrotopônimo, Ergotopônimo, Litotopônimo, Geomorfotopônimo e Zootopônimo.

Tabela 1. Incidência de topônimos indígenas por taxas na microtoponímia municipal de Alagoas

Topônimo	Motivação	Quantidade
Arápiraca, Craíbas, Jaramataia, Murici, Pariconha, Pindoba, Taquarana.	Fitotopônimo	7
Coruripe, Igaci, Jacuípe, Jequiá da Praia, Marogogi, Paripueira, Traipu.	Hidrotopônimo	7
Japaratinga	Ergotopônimo	1
Inhapi, Maceió	Litotopônimo	2
Ibatéguara, Piaçabuçu	Geomorfotopônimo	2
Jacaré do Hommens, Jundiá, Piranhas, Satuba.	Zootopônimo	4
Total		23

De acordo com os dados, podemos afirmar que a maior fonte motivacional no momento da escolha dos nomes de origem indígena para atribuir aos municípios alagoanos foi de natureza física, dentro deste grupo a vegetação do espaço (representada no léxico pelos fitotopônimos) e a hidrografia (representada no léxico pelos hidrotopônimos) da região a ser nomeada se apresentaram mais fecundas que outras características do ambiente natural como a constituição e forma do relevo local. Sendo assim, podemos considerá-las como fator influenciador e/ou condicionador para eleição dos topônimos registrados no léxico municipal alagoano toponímico de étimo tupi.

Ainda seguindo os dados aqui levantados, podemos dizer que a fauna como fator motivador para a nomeação de municípios alagoanos por meio de nomes de étimo tupi se revelou de fecundidade média. Já a motivação de natureza antropocultural, revelou-se de pouca fecundidade lexical com apenas de 1 (um) registro.

Considerações finais

Os aspectos abordados no presente artigo, envolvendo a toponímia indígena municipal do Estado de Alagoas, mais precisamente os nomes de étimo tupi que designam 23 (vinte e

três) municípios alagoanos, permitem-nos tecer algumas considerações finais.

A partir dos dados aqui levantados, podemos afirmar que houve a presença da língua tupi em nível lexical em todas essas mesorregiões alagoanas, pelo menos no que diz respeito à toponímia municipal do estado. E ainda, seguindo esses mesmos dados, podemos atestar que os fatores de natureza motivacional mais recorrentes no ato de nomear municípios alagoanos por meio de nomes de étimo indígenas foram a vegetação do espaço - representada no léxico pelos fitotopônimos - e a hidrografia - representada no léxico pelos hidrotopônimos - da região a ser nomeada. E ainda, registramos outras características do ambiente natural como a constituição e forma do relevo local. No entanto, apresentam-se menos fecundos como fatores influenciadores e/ou condicionadores no ato de nomeação aqui investigado.

Corroborando com essa afirmação, destacamos ainda que dos 23 (vinte e três) topônimos detectados apenas 1 (um) topônimo apresentou como fonte motivacional a relação existente entre a cultura material e seu denominador (representada no léxico pelos ergotopônimos), ou seja, uma motivação toponímica de ordem antropocultural. (repetido). Daí, concluímos que esses são menos frequentes no léxico toponímico indígena municipal alagoano.

Por fim, ressaltamos que estudo do léxico toponímico consiste em uma área de indagação linguística muito ampla, tornando este trabalho limitado na forma como aborda o assunto proposto, longe do ideal, mas que traduz o esforço deste pesquisador com os problemas atinentes à Toponímia alagoana, deixando para outro momento, perspectivas outras de investigação de maior aprofundamento de análises dos fenômenos toponomásticos. Logo, ficam em aberto possibilidades para inquirições

complementares, tendo em vista que é sempre possível a realização de análises mais exaustivas dos fenômenos linguísticos..

Referências bibliográficas

CARVALHINHOS, Patricia de Jesus. Onomástica e lexicologia: o léxico toponímico como catalisador e fundo de memória. Estudo de caso: os sociotopônimos de Aveiro (Portugal). In.: *Revista USP*. São Paulo, dez./fev. 2002-2003, n.56, p. 172-179.

DAUZAT, A. *Les noms de Lieux: Origene et évolution*. Paris: Librairie Delagrave, 1926.

DICK, M. V. de P. do A. *A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxenômicos*. São Paulo, SP. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo – USP, 1980, 198 p.

_____. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo : Edições Arquivo do Estado, 1990.

_____. *Toponímia e antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. São Paulo: Gráfica da FLCH/USP, 1992.

MAEDA, Raimunda Madalena Araujo. *A toponímia Sul-mato-grossense: um estudo dos nomes de fazendas*. Araraquara, SP. Tese de doutorado. Universidade Estadual de São Paulo – USP, 2006, 198 p.

MELO, P. A. G. de. A acrossemia em língua portuguesa contemporânea e o ensino de morfologia lexical. In.: *ECOS*, Cáceres, n. 11, p. 277-286, 2011.

_____. Uma interface línguo-cultural: um estudo onomástico em topônimos da microrregião alagoana do Sertão do São Francisco. In.:

MEMENTO, UNINCOR, Minas Gerais, V. 3, n. 1, jan.-jul. 2012.

NAVARRO, Edurado de Almeida. *Método moderno de Tupi antigo; a língua do Brasil dos primeiros séculos*, 2. ed. Petrópolis : Rio de Janeiro, 1999.

ROSTAING, C. *Les noms de Lieux*. Paris: Presses Universitaires de France, 1961.

SOLIS FONSECA, G. *La gente passa, los nombres quedan; Introduccion em la Toponímia*. Lima : Lengua y Sociedad, 1997.

TIBIRIÇÁ, Luiz Caldas. *Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi; significado dos nomes geográficos de origem tupi*. Brasil : Traço, 1985.

Artigo enviado em: 11/05/2013

Aceite em: 19/11/2013